



Centro Universitário de Brasília
Faculdade de Ciências Aplicadas Fasa
Curso: Comunicação Social
Habilitação: Jornalismo
Disciplina: Monografia
Professor Orientador: Sérgio Euclides de Souza

O jornalismo literário e a crise do jornalismo impresso: possibilidades e limites de inserção do gênero no jornalismo tradicional

LIDIA PORTO MARTINS
RA 2021452/1

Brasília/DF, Junho de 2005

**O jornalismo literário e a crise do jornalismo impresso:
possibilidades e limites de inserção do gênero no jornalismo
tradicional**

**Monografia de conclusão de curso apresentada ao Centro Universitário
de Brasília (UniCEUB) sob orientação do Prof. Sérgio Euclides de Souza.**

Sérgio Euclides de Souza

Amália Perez

Solano Nascimento

“Sou jornalista, especialista em idéias gerais. Sei alguns minutos de muitos assuntos. E não sei nada.”

Otto Lara Resende

Existem pessoas que exercem influência mágica sobre minha vida. Mamãe, você é a mulher mais linda, corajosa e batalhadora que conheço. Obrigada por ser a minha maior incentivadora. Papito, obrigada por me mostrar um homem que jamais imaginei existir. Obrigada pela sua generosidade, pelo seu cuidado e, principalmente, pela família que construímos. Thank you, Uncle Bad, for teaching me some of the most valuable lessons I know. Thank you for showing me the world and taking care of me. I will always love you. Daniel, Rucho, Latitude... O que dizer da amizade, respeito, admiração e profundo amor que nos une? Obrigada, não só por ser o meu melhor amigo, mas por ter me ensinado a ser mulher. Eu te amo.

RESUMO

Palavras-chave: crise instrumental, crise epistemológica, jornalismo literário, reforma do *Correio Braziliense*, limites, possibilidades.

Este trabalho apresenta dois aspectos da crise do jornalismo impresso contemporâneo: i) a questão instrumental, ii) a questão epistemológica. A partir dessa exposição, utiliza-se como marco teórico a *crise da modernidade* para propor novas construções para o jornalismo contemporâneo. Nesse contexto, é analisada a reforma concluída pelo *Correio Braziliense* em 2002 e avaliam-se as possibilidades e limites do jornalismo literário de auxiliar na superação da crise epistemológica do jornalismo impresso.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
Capítulo primeiro: a crise do jornalismo impresso contemporâneo.....	12
1.1 Crise instrumental.....	12
1.2 Crise epistemológica.....	17
Capítulo segundo: o jornalismo literário e a reforma do <i>Correio Braziliense</i>	27
2.1 O jornalismo literário.....	27
2.2 A reforma do <i>Correio Braziliense</i>	30
Capítulo terceiro: o jornalismo literário: possibilidades e limites.....	37
3.1. Possibilidades.....	37
3.2 Limites.....	47
Conclusão.....	52
Referências Bibliográficas.....	55

INTRODUÇÃO

O público de hoje não quer depender do jornal impresso diário para se atualizar. Ele quer informação de acordo com seus desejos e necessidades. Deseja ter controle sobre a mídia, ao invés de ser controlado por ela¹. Enquanto alguns jornalistas ainda acreditam ter o poder de manipular o leitor, dizendo-lhe o que é importante saber, hoje o público prefere escolher aquilo que vai ler.²

Em tempos em que a “crise da modernidade” é apontada por muitos, é fundamental que o jornalismo impresso contemporâneo se adapte às novas demandas sociais que o “mundo pós-moderno” exige³.

Desse modo, torna-se importante apreciar as dificuldades que o ensino tradicional do jornalismo tem enfrentado nas Faculdades de Comunicação Social – obstáculos que acabam por comprometer a qualidade geral da educação ministrada nos cursos universitários, os quais, cada vez mais, se multiplicam de forma irrestrita pelo Brasil.

De outro lado, o avanço da tecnologia não somente ameaça o jornalismo impresso, mas, sobretudo, pressiona os periódicos a realizarem reformulações urgentes em sua estrutura. Além da perda de leitores para a televisão e, hoje, principalmente para a Internet, existe uma nova geração que já nasceu na era da tecnologia – há jovens que jamais utilizaram o jornal tradicional como fonte de notícia.⁴

¹ HABERMAS, 1984.

² MURDOCH, 2005.

³ SANTOS, 2000.

⁴ MURDOCH, 2005.

Com o surgimento da televisão, na década de 1950, uma parcela da população migrou para o então novo meio, mas essa perda de público foi mascarada pelo crescimento demográfico. Hoje, a rapidez da Internet e suas particularidades não deixam dúvida. Nos Estados Unidos, de acordo com uma pesquisa de Philip Meyer, a rede mundial detém 44% da preferência do público e, desde 1997, essa porcentagem cresce num percentual de 4% todos os anos.⁵

Em suma, observa-se que, cada vez mais, o jornal diário tem perdido leitores. Nesse sentido, pode-se apontar a acelerada migração de leitores do veículo impresso para os sítios de notícia da Internet. Além disso, é notória a tendência dos jovens exclusivamente habituados ao ciberespaço como fonte de informação.

Diante desses fatos, há profissionais que prevêm o inevitável desaparecimento do veículo impresso. Outros, no entanto, acreditam em reformas de estilo e conteúdo que possam superar a crise e dar nova vida às publicações impressas diárias.

Sem qualquer pretensão de futurologia, esta monografia se preocupa com o momento crítico vivenciado pelo jornalismo impresso contemporâneo. Entende-se que essa crise é complexa e atrelada a uma série de fatores que não podem ser simplesmente ignorados. É necessário explicitá-los e analisá-los com base em todas essas demandas do público.

Para os fins desta monografia, portanto, tal crise será apresentada a partir de dois aspectos – um instrumental e outro epistemológico.

O fator instrumental envolve questões tais como: os altos custos do papel; a permanente necessidade de atualização tecnológica; enfim, as limitações que o veículo impõe. O aspecto epistemológico, por sua vez, está centrado nos limites que o modo

⁵ CARTILHO, 2005.

tradicional de fazer jornalismo impresso enfrenta diante das novas demandas do público e das carências do ensino de comunicação social.

É preciso traçar as possíveis origens e conseqüências dos diversos problemas enfrentados pelos veículos impressos diários a fim de identificar limites, possibilidades e alternativas para a superação dessa crise.

Nesse particular, torna-se interessante abordar a reforma do *Correio Braziliense*, ocorrida no período de 1994 a 2002. Essa transformação editorial é de substancial relevância para o presente trabalho justamente porque se pautou por uma tentativa de recuperação de público. Ademais, deve-se enfatizar que tal mudança foi balizada por uma série de preocupações quanto ao estilo e à forma de se fazer um jornalismo local com pretensões nacionais.

Nesse contexto, relaciona-se a reforma com os desdobramentos de uma vertente jornalística do século 20 que também se opôs ao referido modo tradicional de fazer jornal impresso: o jornalismo literário.

A partir desse estilo, é possível extrair uma série de contribuições e alternativas para esse momento crítico dos periódicos. Entretanto, não se pode assumir a postura ingênua de mera reprodução dos postulados dessa tendência inovadora. Pretende-se verificar criticamente a utilidade e eficiência que as influências do jornalismo literário podem trazer para todo esse debate.

O jornalismo literário surgiu nos Estados Unidos, em meados da década de 1960, como alternativa ao jornalismo rígido e objetivo que pautava a imprensa da época. Nesse estilo, o jornalismo vinha acrescido de recursos literários como cenário, personagens, diálogo e manifestações de subjetividade. Além de a forma narrativa ignorar os limites do jornalismo convencional, o gênero revolucionou também o momento de apuração. Aos

repórteres era dado muito mais tempo para se aprofundar em detalhes antes ignorados pela imprensa – um inegável ganho para a qualidade da apuração jornalística.

O jornalismo literário implica uma reconceituação do próprio jornalismo, abrindo o código da disciplina, estimulando a forma ao investir em novas técnicas narrativas e repensando a prática profissional, pois questiona mitos do jornalismo como a objetividade, a noção de verdade e de neutralidade.

O grande dilema do jornalismo contemporâneo é conseguir dizer o máximo (conteúdo) com o mínimo de palavras (forma). A importância histórica do *lead* e a objetividade que dele decorreu levou o jornalismo a um beco sem saída: a informação burocrática, sem vida. Daí a potencial importância de um retorno a um estilo mais narrativo, ou seja, literário.

O objetivo desta monografia, portanto, é analisar as possibilidades e limites do jornalismo literário em contribuir para a ampliação dos conceitos da profissão e em auxiliar na proposição de alternativas para a superação da crise do jornalismo.

Para tanto, utiliza-se como metodologia de pesquisa o método bibliográfico e interdisciplinar. Este trabalho lança mão de variado instrumental teórico de diversas áreas do conhecimento, tais como: sociologia; pedagogia; filosofia da ciência; e literatura.

Esse arcabouço teórico é amplamente articulado com revistas, periódicos, e livros especializados em práticas jornalísticas convencionais e alternativas com a finalidade de trabalhar, com atualidade, os problemas do jornalismo contemporâneo, os quais serão pormenorizados de acordo com a seguinte estrutura:

- a) no capítulo primeiro, desenvolvem-se os aspectos instrumentais e epistemológicos dos veículos impressos diários;

- b) o capítulo segundo, por seu turno, analisa as alternativas propostas pelo jornalismo literário e as suas possíveis relações com as medidas adotadas pela reforma do *Correio Braziliense* para enfrentar as dificuldades da imprensa local;
- c) no capítulo terceiro, busca-se identificar as possibilidades e limites que as contribuições do jornalismo literário oferecem;
- d) por fim, nas considerações finais, esta monografia se preocupa em traçar algumas perspectivas críticas para repensar o modo tradicional de fazer jornalismo, bem como em propor ferramentas pedagógicas para o ensino do jornalismo nas faculdades brasileiras de comunicação social.

CAPÍTULO PRIMEIRO:

A CRISE DO JORNALISMO IMPRESSO CONTEMPORÂNEO

A crise do jornalismo impresso contemporâneo é um fenômeno complexo e que não pode ser compreendido a partir de meros juízos de causalidade. Por essa razão, serão apresentados os problemas práticos decorrentes dos elementos típicos do jornal impresso (crise instrumental).

De outra parte, é pertinente aludir a um vasto e instigante campo de investigações sociológicas e pedagógicas que se preocupa com os perigosos desdobramentos que o modo tradicional de se fazer jornal pode ocasionar se assumido cegamente (crise epistemológica).

1. 1 CRISE INSTRUMENTAL

A dificuldade de superar a crise instrumental é centrada nas próprias características e limitações que o veículo impõe. O fato de ter circulação diária e de envolver altos custos de impressão implica uma necessidade constante de vendagem mínima que permita o custeio do jornal impresso.

Em uma época em que a obtenção de lucros é uma tendência presente na mídia, há um prestígio por soluções alternativas e formas mais acessíveis de comunicação. O público está cada vez menos disposto a pagar pelo jornal impresso.

Além disso, esse veículo tem a desvantagem de ser lento em comparação a outros meios. Enquanto no rádio, na televisão e, especialmente, na Internet as notícias

podem ser veiculadas instantaneamente, nos jornais impressos a notícia de hoje fica para amanhã.

Como se não fosse bastante, leva-se tempo para ler o jornal inteiro. De acordo com Roberto Civita:

Num mundo cada vez mais interligado e complexo, com cada vez mais informação disponível em todas as frentes 24 horas por dia, nossa tarefa passa a ser – cada vez mais – separar o relevante do não relevante, de selecionar o que mais interessa e mais importa do resto, e – principalmente – de tentar organizar e explicar o que isso tudo significa para um público com cada vez mais alternativas de diversão, cada vez mais interesses e cada vez menos tempo.⁶

Uma pesquisa do *Correio Braziliense* indicou que a maior parte do público lê apenas 10% do conteúdo impresso⁷. Leitores reclamam ainda da dificuldade de manusear o jornal, da tinta que solta e dos constantes erros de ortografia.

Além da diminuição de vendas, as organizações jornalísticas tradicionais estão perdendo também em receita publicitária. No jornal impresso, 40 a 60% do total de páginas é destinado às notícias. O espaço restante é preenchido pelos apelos econômicos dos anúncios publicitários.

Por mais estranho que possa parecer para um dos meios de formação da opinião pública⁸, observa-se que, cada vez mais, é a publicidade e não o corpo de jornalistas que define com quantas páginas o jornal será publicado.

Apenas para que se tenha uma breve noção, nos últimos seis anos, o dinheiro gasto com publicidade no Brasil aumentou 75%. Apesar desse aumento, a parcela empreendida nos jornais caiu 7%. No período de 2001 a 2002, os 15 maiores jornais

⁶ CIVITA, 2005.

⁷ MARCELO, 2004.

⁸ HABERMAS, 1984, p. 179-206.

nacionais deixaram de vender quase 350.000 exemplares e houve queda de 12% na circulação. Segundo enfatiza Ricardo Noblat: “É como se uma edição inteira do Jornal do Brasil tivesse deixado de circular”.⁹

A migração do mercado publicitário para a Internet tende a crescer em decorrência da série de vantagens que a tecnologia oferece. Nas páginas da rede mundial, a propaganda pode estar relacionada com o assunto da página. O anunciante, portanto, tem a oportunidade de escolher exatamente o local em que seu anúncio deve aparecer. Ademais, a tecnologia permite que haja animações e vídeos nos anúncios.¹⁰ No veículo impresso, essa flexibilidade não existe.

Google e *Yahoo*, os dois maiores intermediários de publicidade na Internet, detêm valor de mercado muito superior a qualquer grande jornal estadunidense (os números chegam a US\$ 60 bilhões e US\$ 50 bilhões, respectivamente) e, no ano passado, o crescimento mundial no setor foi de 21%¹¹. Como as duas companhias não têm redações próprias, elas ainda dependem dos veículos impressos. Para alguns, o próximo passo, portanto, seria que elas comprassem um grande jornal para, a partir daí, extinguir a versão impressa.¹²

Tomando por base as dificuldades e a concorrência que ameaçam a sobrevivência dos jornais impressos, existem duas hipóteses possíveis para o incerto futuro desse veículo: ou ele migra para a Internet e desaparece enquanto suporte de informação; ou ele passa por uma reforma de conteúdo e mentalidade que redefina seu papel social.

⁹NOBLAT, 2002, p. 14.

¹⁰MEYER, 2004.

¹¹MURDOCH, 2005.

¹²MURDOCH, 2005

Este trabalho toma por pressuposto que a independência (e até mesmo a existência) do jornal impresso não pode depender de suas fontes de receita publicitária. Tampouco se pode continuar a oferecer notícias de ontem como se elas fossem novidade. É preciso encontrar um diferencial no mundo jornalístico.

Um estudo de Philip Meyer, intitulado *The Vanishing Newspaper: Saving Journalism in the Information Age*, prevê o desaparecimento dos jornais impressos para abril de 2040.¹³ Meyer não é o único a tecer previsões pessimistas para o futuro do jornal impresso. Rupert Murdoch, presidente da *News Corporation*, culpa em parte os profissionais da imprensa. De acordo com ele, o problema está na falta de interação com o leitor. O *Washington Post*, por exemplo, utiliza a Internet para recuperar os leitores que perdeu na versão impressa. Em dois anos, a circulação do jornal caiu em mais de 5% enquanto a versão *online* ultrapassou a marca de 1 milhão de usuários por dia.¹⁴

Os jovens preferem a Internet porque ela permite que eles se informem quando desejam e sobre os assuntos que lhes interessam. Tanto a declaração de Murdoch quanto o estudo de Meyer identificam essa ruptura com o modelo de informação unidirecional que caracterizava a cultura jornalística. Meyer fala, ainda, que hoje o fluxo unidirecional de idéias está sendo substituído pelo bidirecional. Ou seja, as idéias do público têm tanta se não mais importância do que as do jornalista ou dono do jornal. O meio impresso não permite essa interatividade no mesmo nível que a Internet.

No Brasil, jornais impressos temem a crescente perda de leitores jovens. O editor-executivo do *Correio Braziliense*, Carlos Marcelo, afirma que, em Brasília, a

¹³ MEYER, 2004.

¹⁴ FRIEDMAN, 2005.

cultura é enfraquecida e o jovem lê pouco.¹⁵ Em 1994, quando a imprensa brasileira passou por uma grande euforia, o *Correio* comprou uma nova rotativa que permitiria maior segurança na fabricação do jornal. Quatro anos depois, o país sofreu uma crise econômica e as dívidas dos jornais que estavam atreladas ao dólar foi às alturas. O preço do papel disparou, o que obrigou os jornais a cortarem custos.

Como consequência dessa crise, o *Correio* extinguiu alguns cadernos, dentre eles, o *X-tudo*, dedicado ao público jovem. Esse caderno foi escolhido, em parte, pela falta de retorno dos jovens. A cada ano o jornal perde jovens leitores e isso preocupa porque, se o jornal não capta o leitor até os 25 anos, depois o esforço é quase inútil.¹⁶

O período atual pode ser considerado um divisor de águas. Temendo a concorrência da mídia eletrônica, os jornais radicalizaram a maneira de informar – os textos tornaram-se cada vez mais curtos e os assuntos passaram a ser tratados com a superficialidade necessária para responder às perguntas estabelecidas pelo *lead*. É a época, também, em que jornalistas deixaram de ser escritores e passaram a ser técnicos. Clovis Rossi afirma que regras e padronizações excessivas fizeram com que alguns jornalistas perdessem o domínio do idioma – qualidade essencial para qualquer profissional que lida com a palavra.¹⁷

Outro grande problema resultante da crise instrumental é a contratação majoritária de profissionais recém-formados como mecanismo de cortar custos. A mão-de-obra mais barata resulta, muitas vezes, em produções superficiais. Note-se que não se está a afirmar que a contratação de jovens seja errada. Entende-se que, em algum momento, eles precisam entrar no mercado de trabalho. Contudo, é incoerente a prevalência de um modelo que exige dos recém-formados a mesma bagagem de um profissional experiente.

¹⁵MARCELO, 2004.

¹⁶MARCELO, 2004.

Considerados todos esses riscos e entraves do veículo impresso, é interessante questionar, em outro nível, se os problemas do jornalismo contemporâneo impresso podem ser simplesmente resumidos a esses aspectos instrumentais.

1.2 CRISE EPISTEMOLÓGICA

É preciso fomentar um *saber prudente para uma vida decente*. A partir dessa constatação de Boaventura de Sousa Santos¹⁸, observa-se que, além da crise instrumental, é possível mencionar também uma crise epistemológica do jornalismo moderno relativa à forma tradicional de conhecimento preponderantemente representada nos periódicos impressos.

Nesta monografia, a crise epistemológica é abordada sob dois aspectos: i) a supervalorização da objetividade científica em detrimento das demais racionalidades; e ii) a conseqüente desvinculação da dimensão ética e estética do saber. Essa discussão não está desconectada do que se tem denominado de *crise da modernidade*¹⁹.

Boaventura utiliza-se de um modelo teórico que identifica os problemas do *Projeto da Modernidade* e, para tanto, enuncia duas formulações da experiência moderna: o pilar da regulação e o pilar da emancipação.

O pilar da regulação é composto por três princípios: Estado, mercado e comunidade.²⁰ Já o pilar da emancipação é caracterizado a partir dos três modelos de

¹⁷ ROSSI, 1980. p. 42-48.

¹⁸ SANTOS, 2000.

¹⁹ SANTOS, 2000.

²⁰ O pilar da regulação é composto pelo: i) **princípio do Estado** (formulado principalmente por Hobbes e que consiste na obrigação política vertical entre os cidadãos e o Estado); ii) **princípio do mercado** (desenvolvido primordialmente por Locke e por Adam Smith e que trata da obrigação política horizontal individualista e antagônica entre os constituintes do mercado); e iii) o **princípio da comunidade** (que abarca a totalidade da

racionalidade apresentados por Max Weber como típicos da Modernidade: i) a racionalidade estético-expressiva das artes e da literatura; ii) a racionalidade cognitivo-instrumental da ciência e da tecnologia; e iii) a racionalidade moral-prática da ética e do direito.

Ao analisar a crise do paradigma da modernidade, Boaventura detecta os problemas decorrentes da supremacia do caráter regulatório sobre o emancipatório. Ou seja, os potenciais de emancipação do ideal moderno foram tolhidos pelas pretensões de que o “controle sobre a natureza” levaria o homem à regulação de toda a vida social e individual.

Por essa razão, chega-se a inferir, inclusive, que o mundo está intensamente colonizado, isto é, aprisionado às amarras dos controles sociais exercidos pelo Estado e, principalmente, pelo Mercado. Ao pretender a completa racionalização da vida coletiva e individual do homem, o *Projeto Moderno* permitiu o surgimento de uma série de incompatibilidades significativas para o seu próprio funcionamento. Na modernidade, privilegiou-se o princípio do mercado e a racionalidade cognitivo-instrumental da ciência e da tecnologia.

Boaventura afirma que um dos fatores sócio-culturais mais característicos do século 20 foi a supervalorização do princípio de **mercado** (regulação) e a conversão da **ciência** (emancipação) como principal força produtiva do conhecimento.

A crise do jornalismo impresso contemporâneo também pode ser representada no interior dessa instrumentalização do saber na modernidade. É possível identificar a preponderância de influências econômicas no jornalismo impresso contemporâneo. Um exemplo característico corresponde ao fato de que os jornais

teoria social e política de Rousseau e que se edifica por meio da obrigação política horizontal solidária entre constituintes da comunidade e entre associações)

dependem de receita publicitária para se manterem vivos, isto é, “permanecerem no mercado”.

Tornou-se comum, portanto, as empresas jornalísticas se preocuparem mais com as demandas das agências publicitárias do que com as necessidades do leitor. Assim, o fator econômico chega, muitas vezes, a se sobrepor às responsabilidades éticas e sociais do veículo.

Ademais, deve-se atentar também para o aspecto da supervalorização da objetividade científica enquanto racionalidade característica do modo tradicional de se fazer jornalismo na modernidade. Em razão das influências da *mass media*²¹, cada vez mais, a tônica da redação jornalística tem sido pautada pelo tecnicismo, a rigidez, enfim, a implementação de um *standard* em que o estilo pessoal do jornalista é, simplesmente, ignorado.

É exatamente contra esse *desperdício da experiência* que Boaventura se posiciona. Nesse particular, o autor menciona que, com o aumento do caráter regulatório em detrimento do emancipatório, as práticas sociais se tornaram cada vez mais rígidas e inflexíveis.

Ocorre que a própria história do mundo moderno mostra os equívocos da pretensão de uso estritamente técnico dos potenciais científicos. Além da utopia de se imaginar a possibilidade de uma objetividade pura e absoluta, as guerras, catástrofes ambientais e genocídios que povoaram o imaginário do século 20 demonstraram, de fato, que a razão científica não pode controlar completamente a realidade.

Não é admissível tolerar uma nova *Hiroshima*, ou um outro *Chernobyl*. Hoje, o avanço da ciência é tão intenso que permite a criação de parafernalias de destruição

em massa. O alcance de novas tecnologias, no entanto, não justifica a sua utilização como instrumento de aniquilação do outro. A questão ética do uso do saber passou a ser inseparável da produção desse conhecimento.

Nesse ponto, o jornalismo atual se preocupa sobremaneira com a questão técnica. A idéia de auto-afirmação da prática jornalística como atividade científica impõe limites à própria atuação e estilo do jornalista.

A imposição de produzir avidamente as informações mastigadas no *lead* geram como consequência a pretensão de que é possível recortar pedacinhos da realidade e, depois, numa simples operação lógica, reduzir o real à forma do *quem, quando, como, onde, e o quê*.

Esse jornalismo instrumental e asséptico não tem competência para retratar a riqueza e a complexidade desse assustador e admirável mundo novo. Não é mera coincidência que uma das obras clássicas do jornalismo literário foi *Hiroshima* – a grande reportagem de John Hersey, publicada em *The New Yorker* em 1946.

No seu posfácio, o responsável pela edição brasileira, Matinas Suzuki Jr., ilustra as diferenças abismais entre um estilo jornalístico pretensamente técnico e os potenciais emancipatórios que uma forma de descrição alternativa pode produzir. Como afirma Suzuki:

Hiroshima é uma espécie de Cidadão Kane do jornalismo. Como o filme de Orson Welles, esse texto lidera todas as listas de ‘melhor reportagem’ já escrita. O autor John Hersey precisou de 31.347 palavras para explicar como uma única explosão matou 100 mil pessoas, feriu seriamente o corpo de mais 100 mil e machucou a alma da humanidade.²²

Não é difícil perceber que o ideal de neutralidade na transmissão da informação jornalística é insuficiente. A prática jornalística é reduzida a operações de

²¹ HABERMAS, 1984, p. 195.

estímulo-resposta, segundo as quais mensagens fabricadas gerariam estímulos idênticos em qualquer receptor.

A padronização do *lead*, portanto, se encarada como regra ou ideal único do jornalismo, reduz as possibilidades de interação entre jornalista, texto e leitor. Esse *standard* contribui para a desumanização de qualquer dimensão de criatividade estética e ética do jornal impresso.

É exatamente nesse cenário que Boaventura preconiza a emergência de um *paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente*. As possibilidades de produção de um saber pós-moderno devem atender não somente às demandas epistemológicas de uma nova forma de conhecimento, mas, sobretudo, aos anseios da sociedade no que compete às relações entre homens.

Dessa maneira, como medida de superação da atual crise paradigmática, o autor destaca a necessidade de se recorrer às representações modernas mais inacabadas e abertas em cada pilar²³ como meio de prenunciar esse novo paradigma emergente.

É justamente no conjunto dessas preocupações que esta monografia se insere. Em outras palavras, busca-se analisar especificamente a importância que a interação entre o jornalismo e as racionalidades estético-expressiva das artes e da literatura (uma preocupação sempre presente no jornalismo literário) e a racionalidade moral-prática da ética, as quais exigem novos compromissos sociais ao se fazer jornalismo.

Assim, diante dos impasses gerados pela crise instrumental e da crescente perda de leitores, torna-se especialmente importante atribuir atenção a questões como: i) as demandas éticas da prática jornalística decorrentes da supervalorização da objetividade na

²² SUZUKI, p. 161, *apud*. HERSEY, 2002.

captação e divulgação de informação; e ii) a sub-qualificação dos profissionais no contexto do descaso das escolas de comunicação quanto ao aprofundamento do conteúdo programático e ético do jornalismo.

Desse modo, quando se fala na ética do jornalismo é preciso caracterizar, antes de tudo, o papel social da imprensa na formação da opinião pública²⁴. Esse papel social deve ser sobreposto a qualquer interesse econômico ou político porque tem relação com a própria autonomia da atividade jornalística.

É problemático que os meios de informação sejam subordinados a interesses volúveis do mercado. Em uma democracia, uma imprensa tendenciosa reduz as fontes à disposição de cada cidadão porque ignora a pluralidade de informações e opiniões. Conforme ressalta Noblat: “A concentração de veículos de comunicação nas mãos de poucos donos conspira contra o jornalismo de qualidade e é uma séria ameaça ao pluralismo de opinião”.²⁵

Roberto Civita complementa, ademais, que a regulação governamental não deve jamais substituir a auto-regulamentação dos veículos jornalísticos e o compromisso destes com a sociedade. Assim, se o jornalismo impresso contemporâneo não deve ser subordinado aos imperativos mercadológicos, tampouco pode ser limitado pelo Estado.

Isso não significa dizer que as empresas jornalísticas não precisem ser rentáveis. Deve-se conciliar, porém, a economia da empresa com a integridade profissional.

²³ No domínio da emancipação, a racionalidade estético-expressiva das artes e da literatura e a racionalidade moral-prática da ética e do direito; já no domínio da regulação, o princípio da comunidade.

²⁴ HABERMAS, p. 179-206.

²⁵ NOBLAT, 2002, p. 22.

Assim, a manipulação ou omissão de informação para servir a determinado interesse extrapola todo o compromisso ético do jornalismo com a verdade.

A pertinência dessa questão pode ser compreendida a partir da tese de Phillip Meyer, segundo a qual a crise dos jornais estadunidenses seria consequência direta da queda de **qualidade** do jornalismo que praticam. Para Meyer, esse fenômeno geraria um número crescente de erros de cobertura, os quais, por sua vez, minariam a tão almejada credibilidade – sem a qual a lucratividade não poderia se manter.

Uma vez presente a ameaça à sobrevivência da imprensa escrita, Roberto Civita também se pronuncia em defesa do bom jornalismo acima de tudo. Ele afirma que o público prefere conteúdo de qualidade e que, à medida em que houver mais pesquisa, reportagens inteligentes e matérias bem redigidas, o padrão de exigência deve subir e, conseqüentemente, o público começará a valorizar os veículos que se pautam por um jornalismo qualitativo. Para Civita:

Essa constatação é não apenas extremamente animadora, como também leva à conclusão que precisamos continuar investindo na qualidade jornalística, visual e gráfica das nossas publicações, dotando suas redações com talentos e recursos, assegurando a sua fundamental independência de pressões comerciais, e dando-lhes espaço para informar e criar dentro do compromisso fundamental com a verdade e com a ética mais rigorosa.²⁶

Em momentos de crise como este, é comum recorrer a mecanismos sensacionalistas para recuperar leitores. Embora esta monografia tenha enfatizado, até agora, a necessidade de levar em conta os desejos e demandas do público para redefinir o formato e conteúdo dos jornais impressos, é preciso considerar procedimentos éticos para discernir a notícia do entretenimento.

²⁶ CIVITA, 2005. O discurso de Civita é utilizado neste trabalho apenas com o objetivo de ilustrar uma visão de imprensa diferente daquela praticada pela maior parte dos veículos hoje. Não se pretende inferir que o

Nenhum veículo impresso que se preze deve ser pautado por uma prática que não distinga o que é *importante* do que é simplesmente *curioso*, *volúvel*, ou *interessante*. A busca desesperada por leitores não é condição para transformar tudo em notícia e empregar técnicas sensacionalistas na construção de realidades. A esse respeito, Ricardo Noblat alerta que:

Jornal é um negócio como qualquer outro. Se não der lucro, morre. Por isso deve estar atento às necessidades dos leitores. Mas jornal também é um negócio diferente de qualquer outro. Existe para servir antes de tudo ao conjunto de valores mais ou menos consensuais que orientam o aperfeiçoamento de uma determinada sociedade. Valores como a liberdade, a igualdade social e o respeito aos direitos fundamentais do ser humano (...) Bem-aventurados são aqueles que repensaram seu conteúdo para acompanhar as transformações do mundo onde operam e capturar novos leitores – sem abdicar, contudo dos princípios que justificam a existência dos jornais desde que eles foram inventados.²⁷

Além do papel social de veicular conhecimento, não se pode perder de vista o papel do jornalismo enquanto partícipe indispensável em uma esfera pública plural e emancipatória. A partir do momento em que vivemos numa sociedade de massa, deve-se enfatizar a preocupação central de Jürgen Habermas em propor alternativas para que a imprensa se transforme em formadora de opinião pública e não em mídia de manipulação.

Essa preocupação se intensifica ainda mais num ambiente globalizado em que surgem novos meios de comunicação. Para Carlos Peixoto:

O jornalismo precisa se intelectualizar e se distanciar daquela concepção limitante que o converteu em uma atividade especializada na busca e divulgação da informação. Intelectualização como prática de busca e propagação coletiva de conhecimentos. É preciso reformular o fazer jornalístico – a percepção dos fatos e das coisas, a compreensão da existência própria e alheia, enfim, a descoberta do ser e estar no mundo. É preciso dar ao texto jornalístico a mesma atenção que à narrativa

jornalismo praticado pelos veículos da *Editora Abril* segue fielmente o discurso de Civita. Para mais sobre o assunto, ver o estudo 11 de setembro de ANDRADE, ÉRICA e SOUZA, SERGIO EUCLIDES DE, .

²⁷NOBLAT, 2002, p. 26.

literária, deixando para os meios de comunicação eletrônicos a tarefa limitante da reprodução mecânica da realidade.²⁸

A partir de toda essa problematização contemporânea, é interessante fazer algumas breves considerações sobre o ensino do jornalismo em nosso país.

Os cursos de comunicação no Brasil, que se baseiam na busca consensual pela objetividade e imparcialidade, descartam o estímulo à racionalidade estético-expressiva e moral-prática quando não estimulam a emancipação intelectual por meio de disciplinas que fogem do ensino de técnicas padronizadas de pauta, apuração e escrita. O próprio fato de existirem *manuals de redação* denuncia a pré-compreensão de que existiria apenas uma maneira correta de fazer jornalismo.

Ainda em respeito ao ensino, há cada vez mais investimento na imagem da universidades enquanto centro preparador para o mercado de trabalho. Perde-se, cada vez mais, a noção da universidade como instância de produção do conhecimento e criação de uma identidade. E isso, infelizmente, também se reflete na formação e no trabalho dos futuros profissionais de imprensa.

Apenas para ilustrar o impacto, uma pesquisa feita por Philip Meyer nos Estados Unidos constatou que 90% das reclamações dos leitores têm a ver com o despreparo técnico e intelectual dos jornalistas. Segundo Meyer, os leitores percebem que, além da maior parte dos profissionais saber muito pouco sobre aquilo que escreve, o trabalho é feito às pressas e dá margem a erros de cobertura e escrita.²⁹

Por fim, diante desse atual contexto de transição paradigmática, é essencial que o jornalismo se adapte às novas demandas epistemológicas e sociais que o

²⁸PEIXOTO, p. 126-127, *apud*. CASTRO e GALENO, 2002.

mundo “pós-moderno” exige. Nesse contexto, é necessário analisar algumas alternativas, assim como as possibilidades e limites de utilização do jornalismo literário como instrumento de ampliação da prática jornalística.

²⁹ MEYER, 2004.

CAPÍTULO SEGUNDO:

O JORNALISMO LITERÁRIO E A REFORMA DO *CORREIO BRAZILIENSE*

2.1 O JORNALISMO LITERÁRIO

O jornalismo literário surgiu nos Estados Unidos, em meados da década de 1960, como alternativa à pretensão de objetividade que predominava no jornalismo então vigente. Um grupo de jornalistas, cansado da mesmice dos textos produzidos por jornais e revistas, abandonou os dogmas dessa forma tradicional de fazer jornalismo. Profissionais da imprensa começaram a deixar de lado a preocupação com o fato e a notícia para produzir textos que trabalhavam a reflexão, o imaginário e a divulgação de obras literárias. Essa forma de escrever, que os estadunidenses chamaram de *new journalism*, no Brasil, foi batizado de “jornalismo literário”.

Em meio à agitação da contracultura, cujo mote era provocar mudanças sócio-culturais profundas, esse grupo começou a produzir textos jornalísticos que usavam preceitos literários. A reportagem deixava de ser um simples relato para se transformar num texto que reconstruía detalhes a partir da experiência do jornalista. O trabalho passou a valorizar a figura do repórter e deu-lhe liberdade para se concentrar em minúcias da reportagem. O registro de gestos, cenários, sensações, diálogos e roupas tornou-se importante para o relato jornalístico.

Tom Wolfe, um dos precursores do novo jornalismo estadunidense, ressaltou, na época, a importância do diálogo para definir personagens e a necessidade da identificação do leitor com as personagens que compõem a reportagem. De algum modo, a

corrente iniciada por Wolfe contagiou outros jornalistas daquela geração como Gay Talese, Norman Mailer, Truman Capote.

A apuração continuava sendo de base jornalística, mas o texto apresentava recursos inovadores como narrativa, desenvolvimento de personagens, imaginação e estilo individual. No Brasil, pode-se dizer que o estilo chegou em 1966 com o lançamento da revista *Realidade*, que tinha em seu corpo editorial profissionais preocupados com a verticalização da pauta, da apuração e da narrativa.

É interessante traçar um paralelo entre a dimensão do jornalismo literário e a prática jornalística dos dias de hoje. Enquanto alguns profissionais acreditam que o desaparecimento dos jornais impressos seja inevitável, há quem aposte em reformas que dêem novo fôlego ao jornalismo tradicional.

Essas reformas, entretanto, não devem se restringir à aparência dos jornais. Não basta fazer revolução gráfica, mudar tipologia, logomarca, cor ou desenho das páginas. Uma verdadeira reforma pressupõe também, e principalmente, a superação dos riscos decorrentes da crise epistemológica (apresentada no capítulo primeiro).

É preciso abranger o papel do jornal e rever as possibilidades de atuação do jornalista. Nesse contexto, o jornalismo literário deve ser compreendido neste trabalho como possível complemento às reduzidas possibilidades que caracterizam a imprensa de hoje.

Assim, é exatamente sob esta perspectiva que os limites e possibilidades do *new journalism* podem se configurar como alternativas viáveis e abrangentes para o jornalismo contemporâneo.

Embora Alberto Dines reconheça o papel da Internet de propagadora de informação, ele não acredita que há possibilidade de o jornal impresso desaparecer:

Desprovidos de um mostrador, de uma estrutura – enfim, sem uma *gestalt* –, os trilhões de *bites* de informação que circulam na rede mundial de computadores valerão muito pouco. Jornal é a vida estendida na dimensão espacial, concreta, visível, durável.³⁰

Apesar de tamanha segurança, Dines reconhece que o periódico deve passar por uma reforma que reestruture a mentalidade dos donos e chefes e redação. Os jornais são atrasados em relação aos demais veículos e não enxergam o dever de acrescentar ao que já foi dito pelo rádio, televisão e Internet no dia anterior.

Para o autor, somente uma revisão do papel do jornal livraria o veículo impresso do risco de desaparecimento. Todavia, ao aludir a essa demanda, Dines é bastante otimista – acredita, inclusive, que essa reformulação já esteja sendo feita por aqueles veículos produzidos de madrugada e por aqueles que já se conscientizaram da necessidade de aprofundar o noticiário.

Nesse cenário, o *Correio Braziliense* é um bom exemplo de um veículo local que se propôs a implantar uma reforma de sucesso. No final da década de 1990, o jornal mudou sua linha editorial, qualificou profissionais e investiu numa nova forma de praticar o jornalismo. O resultado foi um aumento de 41% na circulação do jornal e o reconhecimento como publicação de referência nacional³¹

Além de ter revolucionado o projeto gráfico do *Correio*, essa reformulação utilizou postulados que apresentam pontos de contato com os do jornalismo literário. Além de apostar em reportagens e na interação com leitores, o *Correio* passou a dar mais tempo para que repórteres apurassem e escrevessem bem.³²

³⁰ DINES, 2005.

³¹ NOBLAT, 2002 p.145-151.

³² NOBLAT, 2002, p. 152-153.

Para o jornalismo literário, mais importante do que veicular imensa quantidade de notícias é concentrar na qualidade de cada reportagem. A vertente ignora regras do *lead* e, por meio da singularidade de cada matéria, abre caminhos próprios para o jornalista concentrar em minúcias da reportagem.

Sem sombra de dúvida, pode-se dizer que, além dos benefícios do produto final oferecido ao público, esse novo ambiente de qualificação dos repórteres permitiu a ampliação do foco da profissão.

2.2 A REFORMA DO CORREIO BRAZILIENSE

Em 1994, uma pesquisa de mercado indicou que, no Distrito Federal, o *Correio Braziliense* vendia quase cinco vezes mais exemplares que seu principal concorrente, o *Jornal de Brasília*. Mas isso não era suficiente. Apesar de 8 em cada 10 leitores preferirem exclusivamente o *Correio* e de este deter o monopólio dos pequenos anúncios, ele precisava mudar para enfrentar a crescente ameaça dos grandes jornais do eixo Rio – São Paulo e de outros estados. Em um ano, a vendagem de nove destes jornais havia crescido 50% no mercado brasiliense³³.

Os leitores continuavam a ler o *Correio* por tradição, mas era clara a insatisfação do público com relação ao conservadorismo e à postura política adotada pelo jornal. Em 1990, apesar de a ditadura militar já ter apresentado os primeiros sinais de derrota há, pelo menos, 10 anos, o *Correio* ainda parecia se comportar como braço direito da autoridade política.

³³ NOBLAT, 2002 p. 143.

Fatos que desagradavam o governo local e federal eram ignorados pelo veículo. Leitores reclamavam também da superficialidade e irrelevância das reportagens, dos erros de ortografia e do formato visual do jornal.

Ricardo Noblat, o então chefe de redação do *Correio*, dizia que donos de jornal e jornalistas pareciam estar unidos no projeto de acabar com os jornais. Enquanto os donos administravam mal, os jornalistas perpetuavam práticas que desagradavam os leitores.

Para Noblat, esse diagnóstico negativo não significava que os profissionais de imprensa deveriam ficar de braços cruzados diante da inevitável queda dos jornais. Dessa forma, ou as empresas jornalísticas deixariam de existir ou se transformavam radicalmente para se tornarem as mais importantes produtoras de conhecimento³⁴.

A partir de fevereiro de 1994, Noblat encabeçou uma reforma que transformaria o *Correio Braziliense*. Uma das primeiras atitudes propostas foi qualificar o corpo de profissionais que compunha a redação de jornal. Até então, a maior parte dos jornalistas era jovens recém-formados. A mão de obra era mais barata, mas a qualidade das matérias ficava prejudicada.

Além disso, a maior parte dos jornalistas tinha mais de um emprego, já que a jornada de trabalho era de meio período e os salários, muito baixos. Com essa reformulação, foi investido mais dinheiro na contratação de profissionais qualificados, ampliou-se a jornada de trabalho e o salário dos jornalistas aumentou.

Grande parcela das matérias do *Correio* era publicada de acordo com informações obtidas de Assessorias de Imprensa. Com a reforma, passou a ser proibida a

³⁴ NOBLAT, 2002, p.13.

publicação de *releases*. Ao invés de esperarem as “notícias” chegarem até as redações, os repórteres eram obrigados a correr atrás de notícia na rua. Não era mais aceitável a desculpa de que não havia acontecimento importante a ser noticiado.

Noblat enfatizava que notícia importante existia aos montes. Além de o repórter ter o novo dever de antecipar fatos, ficava claro que o jornal impresso não podia mais noticiar apenas o que havia acontecido no dia anterior.

O *Correio Braziliense* constatou, portanto, que precisava reinventar sua função enquanto produtor de notícia. Em pleno século 21, era da Internet e dos avanços tecnológicos, o jornal impresso não podia se limitar a ter a ambição de publicar notícias de primeira mão.

Seis pontos foram enfatizados na reforma do *Correio*: consistência na cobertura do jornal local; rigor na seleção das notícias; aposta em grandes reportagens; emprego de recursos visuais inovadores; ampliação do jornal para uma escala nacional; e prestação de serviços de utilidade pública ao leitor.

A partir de 1998, o jornal passou a contar com correspondentes internacionais em Nova York, Londres, Madri, Lisboa e Paris e tinha também um colaborador fixo em Buenos Aires. A essa altura, a vendagem de jornais de editados fora do Distrito Federal havia sido detida.

Por incrível que pareça, outro grande êxito da reforma foi a observação das necessidades e particularidades da sociedade brasiliense. O editor-executivo do *Correio Braziliense* Carlos Marcelo afirmou que, em Brasília, havia espaço para “reportagens invisíveis”, aquelas que dependem do repórter para identificar um novo tema – ou uma nova abordagem para um velho tema.

Para o editor, apesar do gênero ainda ser pouco praticado no jornalismo impresso diário, o fato de Brasília ter céu aberto (“na Capital, vê-se o horizonte”) e poucas referências culturais faz com que a população seja flexível a experimentações e ousadia.³⁵

O jornal constatou, ademais, a escassez de certos assuntos ligados diretamente ao bem-estar público como saúde, comportamento, gastronomia e sexo pelo fato de não estarem diretamente vinculados ao cotidiano das editorias. Percebeu-se, portanto, a necessidade de trabalhar além de limites até então estipulados.

A reforma do *Correio* priorizou também a ética do fazer jornalístico. Ficava proibida a publicação de dados adquiridos por meios fraudulentos. Tornou-se inadmissível, por exemplo, que um jornalista se disfarçasse ou mentisse para ter acesso a informação privilegiada. Em alguns veículos, uma atitude como esta poderia ser permitida ou, inclusive, encorajada.

Estendendo a questão ética, Noblat postulou que os grandes deveres do jornalista são com a verdade, com o jornalismo independente e com os cidadãos. O *Correio* reforçou que toda matéria socialmente relevante deveria entrar na pauta – inclusive aquelas que desagradassem autoridades políticas. As reclamações dessas autoridades não impediram que a circulação do jornal aumentasse 41,4% em 8 anos (1994-2002).

O sucesso dessa reformulação rendeu ao *Correio Braziliense* o título de jornal mais premiado pela *The Society for News Design*. Até meados de 2002, o veículo havia acumulado 156 prêmios de jornalismo: 69 de artes gráficas, 63 de reportagem e 24 de fotografia.³⁶

³⁵ MARCELO, 2004.

³⁶ NOBLAT, 2002 p. 147.

Nessa nova concepção, o jornalista de veículo impresso passava a ter o dever de achar notícias e oferecê-las ao público por meio de um texto bem escrito, preciso e rico em detalhes. A missão jornalística do veículo impresso não era apenas informar, era contar, fazer história. O próprio formato e enfoque dessas notícias devia ser diferente. Não bastava dizer o que aconteceu – era necessário explicar como aconteceu, por que aconteceu, descrever a relevância daquele acontecimento para a vida de cada cidadão e projetar possíveis desdobramentos. Leitores já não se contentavam em saber o que havia acontecido – eles vinham demonstrando crescente interesse nas conseqüências de cada notícia para suas vidas particulares. O novo objetivo, em síntese, era oferecer notícias com cor, emoção e profundidade.

Matérias como estas, porém, demandariam mais tempo e desafiavam a pressa que caracterizava a redação de jornal. A reforma do *Correio* teve como meta diminuir o enfoque na *quantidade* e melhorar a *qualidade* das reportagens. Em suma, mais valeriam cinco histórias bem apuradas, bem escritas cuidadosamente editadas e socialmente relevantes do que centenas de matérias feitas às pressas e sem critérios de qualidade. Ademais, foi introduzida a noção de que o texto jornalístico deveria refletir o estilo e personalidade de seu autor.³⁷

Em princípio, apesar de ser imprecisa a afirmação de que o *Correio* se utilizou do jornalismo literário para traçar o rumo de sua reforma, existem pontos convergentes entre os postulados do movimento e os novos enfoques do jornal impresso.

Na década de 1960, quando o jornalismo literário começou a se configurar enquanto movimento, ele era inovador e se diferenciava do jornalismo convencional em todas as etapas de produção da notícia – desde a pauta até a apresentação.

Enquanto o jornalismo convencional buscava *quantidade*, o novo jornalismo baseava-se em *qualidade*.

O estilo era considerado uma tentativa de desenvolver o que se denomina “jornalismo de autor”. Esperava-se que o narrador tivesse voz própria e estilo individualizado na captação e produção do texto.

O *Correio Braziliense*, depois da reforma conduzida por Noblat, permitiu maior exploração de conteúdo e recursos literários no jornal. José Rezende Jr., por exemplo, que trabalhou no *Jornal do Brasil* e *O Globo*, pôde dar vazão a reportagens de maior profundidade quando integrou a equipe do *Correio*.

Rezende Jr. colaborou com a série *A Arte de Escrever*, publicada no caderno *Pensar*. Nessa publicação especializada, os trabalhos de 25 escritores eram pesquisados por repórteres com o objetivo de aliar aspectos biográficos com os potenciais estilísticos de cada autor.

Outra série de Rezende Jr. recontava crimes violentos em Brasília. Esse trabalho foi resultado de uma intensa apuração que consumiu meses de dedicação para recriar, de modo inovador, a repercussão desses delitos na comunidade brasiliense.

O exemplo do *Correio Braziliense* serve para ilustrar que, apesar dos crescentes avanços da tecnologia, o veículo impresso pode assegurar seu lugar enquanto produtor de informação e conhecimento. Talvez o espaço conquistado até hoje pela maior parte dos jornais esteja perecendo, mas ainda existem possibilidades de criação de um novo espaço. A criação deste novo terreno passa, necessariamente, pela superação da crise epistemológica da modernidade que atinge a produção jornalística.

³⁷ NOBLAT, 2002, p.153.

Do exposto, pode-se apontar que o grande êxito da reforma do *Correio* foi, mesmo que ainda insuficientemente, buscar diferentes enfoques para prever, interpretar e classificar a realidade. Outra contribuição relevante correspondeu à capacidade do veículo de observar e acompanhar as transformações e particularidades da sociedade local.

Observa-se, portanto, que o jornal impresso moderno deve oferecer um cardápio alternativo de notícias, interpretar e analisar fatos do dia anterior, contar histórias e produzir grandes reportagens que mergulhem com talento e densidade em acontecimentos de interesse público e social. Os novos enfoques do jornalismo devem fugir da objetividade científica que predomina nas construções do real.

É nesse sentido que, conforme se verá adiante, o jornalismo literário pode ser um instrumento de ampliação do conhecimento necessário para algumas das construções inacabadas da modernidade.

Deve-se frisar, entretanto, que, embora seja perigoso presumir a influência do gênero na reforma do *Correio Braziliense*, a tentativa de fuga de uma visão tradicional e a existência de tendências de aproximação de uma racionalidade estético-expressiva se assemelham àquelas do movimento do *new journalism*.

De outro lado, a partir da reforma do *Correio*, passou-se a exigir de um candidato a repórter a capacidade de apurar, processar e difundir as peculiaridades de suas percepções através dos meios existentes. O jornalista deve ser um profissional completo e, cada vez mais, versátil e afeiçoado ao mundo multimídia – uma dimensão que não pode escapar do ensino do jornalismo nas faculdades de comunicação social pelo Brasil afora.

3. CAPÍTULO TERCEIRO:

O JORNALISMO LITERÁRIO: POSSIBILIDADES E LIMITES

Neste capítulo, discutem-se as possibilidades e limites do jornalismo literário com vistas a contribuir com alternativas para auxiliar a superação das crises do jornalismo impresso.

Essa análise pode ser dividida em duas partes: por um lado, desenvolve-se a capacidade do gênero em ampliar os potenciais do modo tradicional de fazer jornalismo; por outro, enxergam-se limites tanto da concepção do próprio jornalismo literário, como de sua utilização no veículo impresso. Pretende-se deixar claro, desde já, que a simples inserção desse gênero não permite a defesa absoluta (e ingênua) dessa interação enquanto solução para todos os problemas enfrentados pela imprensa.

3.1 POSSIBILIDADES

Para falar nas possibilidades do jornalismo literário enquanto gênero legítimo, capaz de promover transformações no cenário da imprensa contemporânea, é necessário falar das repercussões do gênero ao longo da história. Quando há tentativa de superação de uma crise, é válido analisar as estratégias e recursos utilizados em situações históricas semelhantes.

O jornalismo literário foi introduzido na década de 1960 como resposta à superficialidade e frieza que caracterizavam a imprensa da época. Os jornalistas descobriram ser possível não abrir mão do processo de mergulhar em determinado assunto com fôlego maior do que o necessário para produzir matérias pequenas para um jornalismo

cada vez mais rasteiro. A apuração continuava sendo de base jornalística (fatos, dados concretos), mas a apresentação, a redação do texto, vinha enriquecida com recursos da literatura.

Apesar do movimento *new journalism* ter se configurado como inovador, é possível apontar outros diversos precursores que, muito antes de Tom Wolfe e os *novos jornalistas*, já tinham presente a preocupação (ou solução) de produzir textos jornalísticos com qualidades literárias.

Desde o romantismo, jornalismo e literatura têm andado de mãos dadas. É comum encontrar exemplos de prosa em artigos, crônicas ou reportagens. Por ambos trabalharem com a mesma matéria prima (a palavra), o jornalismo literário parte da noção que a fronteira entre jornalismo e literatura é difusa – um utiliza os recursos e visões do outro para interpretar o mundo e apresentá-lo ao leitor.

O espaço conquistado pelo jornalismo literário nos anos da década de 1960 foi fruto de um intercâmbio que já tinha dado os seus primeiros passos. O novo gênero se instalou na fronteira entre o jornalismo e literatura e deu espaço para uma prática jornalística acrescida de recursos literários. Para o *new journalism*, deve-se enfatizar, desde que a essência da matéria fosse mantida, era permitido ficcionalizar.

Enquanto o jornalismo convencional preza pela informação objetiva, veloz e concisa, a intenção do jornalismo literário é aprofundar a apuração, verticalizar a escrita, trabalhar personagens e detalhar. No jornalismo convencional, basta que o jornalista seja mensageiro (Hermes); no jornalismo literário, surgem possibilidades para que ele seja sujeito ativo do texto, um ator social que, na hercúlea tarefa de escrever e reescrever palavras, se descobre enquanto protagonista e vítima da própria história que edita.

O jornalismo literário se caracteriza, portanto, por matérias interpretativas e bem apuradas. Segundo Tom Wolfe, a tendência do gênero pode ser resumida por estes três princípios: “É possível se divertir com os fatos”; “é bom ter voz própria”; e “é importante correr riscos e experimentar”.³⁸ Ou seja, tudo aquilo que o jornalismo convencional não ousaria pensar.

Nesse gênero híbrido, a literatura ensina o jornalismo a privilegiar a imaginação, cuidar da forma, escrever e reescrever. Como o jornal lida com prazos curtos, também não há espaço para “falta de inspiração”.³⁹ O jornalismo dá lições de clareza, concisão e organização à literatura. Para Florence Dravet, a literatura enriqueceria o jornalismo na medida em que se permite uma nova dimensão do discurso:

Na literatura o homem exerce de forma universal a sua singularidade. A literatura é uma forma de expressão oral ou escrita que atravessa os tempos da história humana, que cruza as fronteiras e as nações. Para qualquer obra literária, há uma tradução possível que vai permitir que, ultrapassada a barreira lingüística, todos possam ler e compreender [...]. Através da literatura o homem também exerce de forma singular sua universalidade. Porque, se os sentimentos, as emoções, os fatos e as relações entre as coisas, que todos procuram expressar pela linguagem literária, também cruzam tempos e fronteiras, existe, para cada um de nós, uma linguagem e um campo de referências particulares, uma maneira singular de dar sentido às coisas expressas pela linguagem universal propriamente humana. Universalidade e singularidade da cultura encontram-se perfeitamente representadas na literatura.⁴⁰

Além desse potencial estético do jornalismo literário, o grande diferencial oferecido pelo estilo é a autonomia concedida ao repórter. Nesse gênero, o jornalista tem tempo e liberdade para trabalhar textos centrados em detalhes e elementos sensoriais que confundam, inclusive, a experiência pessoal com o tema abordado. Para o precursor Tom Wolfe, o trabalho do repórter é tão importante que o repórter não acreditar que seu

³⁸WOLFE, 1972.

ofício seja uma das coisas mais importantes da civilização humana deve procurar fazer outra coisa que julgue sê-lo.

Ser um *novo jornalista* era também ser pesquisador. E essa pesquisa não deveria envolver apenas fatos supérfluos, óbvios e “suficientes” para veicular alguma notícia. Era necessário ir além, cavar a intimidade dos personagens e ter sensibilidade para captar detalhes e mistérios escondidos. O trabalho devia ser laborioso, cansativo, podia ser sujo e até perigoso.⁴¹ Como Wolfe destaca:

Nos anos 60, a forma narrativa ultrapassou os limites convencionais do jornalismo, mas não simplesmente no que se refere à técnica. A forma de recolher material que estavam desenvolvendo se parecia também como muito mais ambiciosa. Era mais intensa, mais detalhada, e certamente consumia mais tempo do que os repórteres de jornal ou de revista, incluindo os repórteres investigativos, empregavam habitualmente. Fomentaram o costume de passar dias inteiros com a pessoa sobre a qual estavam escrevendo, semanas em alguns casos. Tinham que reunir todo o material que um jornalista persegue...e depois ir mais além. Parecia primordial estar ali quando ocorriam cenas dramáticas, para captar o diálogo, os gestos, as expressões faciais, os detalhes do ambiente. A idéia consistia em oferecer uma descrição objetiva completa, mas algo que os leitores sempre tinham que buscar nas novelas ou nos relatos breves: isto é, a vida subjetiva ou emocional dos personagens.⁴²

Na origem dessa interação criativa entre literatura e jornalismo, pode-se encontrar um arsenal de jornalistas-escritores que transitaram com naturalidade entre as duas fronteiras. Ernest Hemingway, por exemplo, usava técnicas jornalísticas para produzir romances e durante bom tempo, principalmente no início da carreira, foi somente jornalista (começou a trabalhar no *Kansas City Star* aos 17 anos). Quando publicou *Por quem os sinos dobram*, usou como pano de fundo a Guerra Civil espanhola, da qual participou na condição de correspondente.

³⁹SCLIAR, p. 13 *apud*. CASTRO e GALENO, 2002.

⁴⁰DRAVET, p. 89 *apud*. CASTRO e GALENO, 2002.

⁴¹WOLFE, 2005, p. 15.

⁴²WOLFE, COMPLEMENTAR ANO, *A Arte da Ficção*. Entrevista concedida a George Plimpton.

Um dos pontos altos do jornalismo literário aconteceu quando John Hersey escreveu a respeito da bomba atômica que explodiu em Hiroshima em agosto de 1945. Hersey, jornalista estadunidense nascido na China, foi escalado pelas revistas *Life* e *The New Yorker* para cobrir o pós-guerra no Oriente Médio. O autor havia combinado com o editor William Shawn, da *The New Yorker*, que faria uma reportagem especial sobre o desastre de Hiroshima.

Hersey ficou na cidade japonesa entre os dias 25 de maio e 12 de junho de 1946 e entrevistou seis sobreviventes do ataque. Depois, a reportagem escrita a partir do relato minucioso desses sobreviventes ficou tão impactante que quando a *The New Yorker* saiu, no dia 31 de agosto de 1946, a revista era dedicada exclusivamente ao texto de Hersey. A idéia inicial era de publicar a reportagem em série, mas, depois de a matéria pronta, o dono da revista, Herbert Ross, o editor William Shawn e o reporter, Hersey, ficaram dez dias fechados repassando o texto e tomando decisões. A partir daí, o projeto de edição monotemática foi desenvolvido e, quando a revista chegou às bancas com 68 páginas (só a seção dedicada à programação cultural foi mantida), o artigo a respeito de Hiroshima provocou todo tipo de reação, inclusive a declaração do almirante William F. Halsey, que admitiu que os japoneses estavam prestes a se render e “a bomba atômica [fora] um experimento desnecessário”. A edição esgotou-se rapidamente e em novembro do mesmo ano, virara livro.

No Brasil, pode-se dizer que o grande momento em que a técnica do novo jornalismo foi aplicada como motor da produção jornalística aconteceu com a fundação da revista *Realidade*, em 1966. A publicação, que tinha pretensões políticas e estéticas, se apoiou no modelo de reportagem estadunidense para informar com estilo e profundidade.

A diversidade de movimentos políticos que caracterizaram os anos 60 apresentava um desafio para a linguagem jornalística da época. A objetividade, padrão de imprensa que operava o jornalismo informativo, foi questionada quando se revelou redutora e incapaz de apreender a complexidade do real. Na época, o público letrado dos centros urbanos se chocou com os limites do discurso racionalista da imprensa, mas, mais que isso, veio dos próprios jornalistas o questionamento sobre a inocuidade do padrão objetivo de transmitir notícias.

Enquanto fatos elementares encontravam espaço nos veículos informativos, a necessidade vigente de investigar questões sócio-culturais exigiu o rompimento com as regras objetivas e a formatação de um novo veículo que atendesse aos anseios do público.⁴³ Essa pretensão, ou ideal da objetividade científica pode ser observada até hoje, quando os desdobramentos dessa tendência se refletem, cada vez mais, na crise da modernidade.

A revista *Realidade* adotava uma postura mais crítica do que os demais veículos da época. Essa publicação lutava contra a censura na tentativa de revelar as informações que sempre eram mantidas em sigilo por repressão ou hipocrisia.

Cada número era composto por cerca de 12 reportagens com muitas fotos chocantes, papel de qualidade, e instigantes textos elaborados por jornalistas e fotógrafos bem qualificados. A novidade surtiu efeito – a circulação da revista era de meio milhão de exemplares. Ademais, oito reportagens de *Realidade* foram homenageadas com o Prêmio Esso de jornalismo.

Apesar de todo esse sucesso, a revista sobreviveu por apenas dez anos. O sonho de uma nova realidade havia acabado. Roberto Civita, presidente da editoria Abril e

criador da *Realidade*, atribui o fechamento da revista em 1976 à aceleração geral das notícias.

Para Civita, a televisão e as publicações diárias contribuíram para que o público abandonasse aos poucos o prestígio pelos moldes de uma revista mensal. Não havia como apurar e cobrir os fatos com a mesma velocidade das novas mídias.⁴⁴

Em um contexto em que a Internet supre a demanda por notícias atualizadas, minuto a minuto, Civita admite que, hoje, a “reportagem individualizada” faz falta ao jornalismo e que há uma tendência mundial de volta às matérias personalizadas.⁴⁵ Assim, consideradas as repercussões históricas do jornalismo literário, é possível imaginar possíveis contribuições que uma re-inserção do gênero ofereceria à imprensa contemporânea.

Sustenta-se, portanto, que o jornalismo literário possa contribuir para contornar as principais reclamações dos leitores, relacionadas ao despreparo técnico e cultural dos profissionais de imprensa.

O jornalismo literário prima pela valorização da figura do repórter e pode dar valiosas lições ao jornalismo contemporâneo. Hoje, o ritmo de trabalho nas grandes redações torna difícil a produção de boas matérias – mesmo entre os jornalistas mais experientes. Além de o repórter dever fazer de duas a três coberturas por dia, costuma-se dizer que o profissional “cai de pára-quedas” nos locais de apuração sem saber muito sobre o que está acontecendo. O prazo para que a matéria seja redigida é também muito curto.

⁴³FARO, 1999, p. 11.

⁴⁴FARO, 1999, p. 54-55.

⁴⁵CIVITA, 2003, p. 56.

No jornalismo literário, o repórter é considerado elemento chave da reportagem. Este deve ser, portanto, um sujeito engajado, interessado, esforçado e, acima de tudo, conhecedor daquilo sobre o que escreve. Para tanto, o corpo editorial de um veículo como a revista *Realidade*, por exemplo, era cuidadosamente escolhido por critérios de competência e não pelo preço da mão de obra. Ademais, aos repórteres era concedido tempo suficiente para se concentrar, sobretudo, na qualidade de cada reportagem.

O fator “tempo” não pode ser desconsiderado quando se fala na crise do jornalismo impresso. É verdade que, hoje, a demanda por notícias velozes é cada vez mais intensa. Todavia, ao perceber a impossibilidade de o veículo impresso concorrer com agências de *tempo real*, entende-se que o foco da reportagem deve ser outro. No jornalismo literário, o tempo oferecido ao repórter para investigar e escrever pode ser um valioso exemplo para as publicações impressas contemporâneas.

Além da valorização da figura do repórter e da atenção dada à construção do relato jornalístico, pode-se analisar, também, a contribuição que a literatura pode oferecer para a percepção e tradução da realidade. Florence Dravet enfatiza que detalhes desqualificados pela grande imprensa tornariam possível a democratização do conhecimento e a compreensão da humanidade em outras dimensões. Segundo Dravet:

A literatura é capaz de democratizar o conhecimento porque, enquanto realidade universal e singular, pode proporcionar a descoberta do outro, próximo e distante, permitindo que o leitor se reconheça no outro e reconheça o outro em si.⁴⁶

Roger Silverstone, inspirado na filosofia de Emmanuel Levinas, também destaca a percepção do Outro⁴⁷ como característica fundamental para uma nova política da

⁴⁶DRAVET, p. 89 apud. CASTRO e GALENO, 2002.

⁴⁷A palavra Outro está em grafada com a inicial maiúscula porque Emmanuel Levinas assim a escreve. Segundo Levinas: “O ‘O’ tem significado. Ele se refere ao reconhecimento de que há algo aí fora que não sou

mídia. Para Silverstone, esse novo rumo da mídia deve ser calcado num humanismo profundo e absolutamente necessário para viver-se eticamente.⁴⁸

Nesse particular, pode-se voltar às construções inacabadas de Boaventura de Souza Santos. Na modernidade, a “comunidade”, foi deixada de lado em detrimento do mercado. Essa fraternidade precisa ser recuperada pois, somente por meio da percepção e identificação do outro, podemos agir moralmente e compreender a nós mesmos. Como afirma Manuel Rivas:

[...] Quando têm valor, o jornalismo e a literatura servem para o descobrimento da outra verdade, do lado oculto a partir da investigação e acompanhamento de um acontecimento.[...] Seja uma manchete que é um poema, uma reportagem que é um conto, ou uma coluna que é um fulgurante ensaio filosófico. Esse é o futuro.⁴⁹

Em outros termos, uma adaptação de certos postulados do jornalismo literário poderia atrair a enorme parcela de leitores que não se contenta mais em saber apenas o que aconteceu e, ademais, se queixa de erros de apuração e ortografia resultados também de redações de jornal que vivem correndo contra o tempo. Na justificativa do curso de jornalismo literário ministrado por Sérgio Vilas Boas registra-se o seguinte:

Essa filosofia jornalística combina extensão, profundidade e técnicas da literatura. Os autores dessa ‘corrente’ recusam a superficialidade e a rigidez. Em vez de ‘o fato e suas circunstâncias’, buscam ‘o ser humano em sua contemporaneidade’. Hoje, o jornalismo literário se apresenta como alternativa extra, não apenas para aqueles que procuram enriquecimento estilístico, mas também para quem pretende compartilhar uma visão de mundo mais humanista, focando as essências, não as aparências.⁵⁰

Quando se fala nas possibilidades de o jornalismo literário dar nova vida às publicações impressas diárias, não há pretensão de restringir esse estilo ao veículo

eu, que não é de minha produção, não está sob meu controle; distinto, diferente, além do meu alcance, mas ocupando o mesmo espaço, a mesma paisagem social.” LEVINAS *apud* SILVERSTONE, 1999, p. 247.

⁴⁸Para Emmanuel Levinas, a ética é pre-condição do convívio social

⁴⁹RIVAS, p. 19. *apud*. CASTRO e GALENO, 2002,

⁵⁰VILAS BOAS, 2003.

tradicional. Pretende-se enfatizar, ademais, o valor do gênero para o jornalismo como um todo.

O fato de o jornalismo literário ter nascido no veículo impresso não significa que ele deva ficar adstrito a esse meio. Essa versão brasileira do *new journalism* pode existir em revistas, livros ou, inclusive, na Internet. Nesse caso, a tecnologia não precisa ser ameaça para o gênero. O meio tecnológico pode, inclusive, ser aliado na propagação do estilo.

Um promissor exemplo dessas possibilidades é o romance-reportagem. Essa forma alternativa de se fazer jornalismo vem ganhando força desde a década de 1960. Como o próprio nome denuncia, trata-se de uma grande reportagem veiculada em formato de livro e que se utiliza de estilo e de recursos literários. Edvaldo Pereira Lima explica que os autores de romances-reportagem são jornalistas experientes que, influenciados pelo movimento norte-americano, realizam o sonho de ser escritor seguindo as lições aprendidas no jornal:

[...] [o romance-reportagem é] fruto da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana. Ou é fruto disso e (ou) de uma outra inquietude: a de procurar realizar um trabalho que lhe permita utilizar todo o seu potencial de construtor de narrativas da realidade. O jornalismo oferece ao profissional de talento e fôlego para o aprofundamento inúmeras possibilidades de tratamento sensível e inteligente do texto, enriquecendo-o com recursos provenientes não só do jornalismo mas também da literatura e até do cinema [...]. A satisfação pelo uso de todo o seu potencial de talento, pelo desafio da comunicação de amplitude, é um fator motivador que impulsiona alguns dos profissionais de imprensa a procurar, no livro-reportagem, a medida exata para exigir ao máximo suas habilidades de comunicador do real.⁵¹

O sucesso dessa experiência evidencia a harmônica ligação entre jornalismo e literatura. Fernando Morais se tornou um dos principais representantes dessa

⁵¹ LIMA, 2003, p. 10-12.

linhagem com a publicação de *A ilha*, *Chatô*, *Corações sujos* e *Cem quilos de ouro*. Ruy Castro, com *O anjo pornográfico* e *Estrela solitária* (biografias de Nelson Rodrigues e Garrincha, respectivamente), entre outros, também. No cenário literário-jornalístico mundial, existem escritores renomados que vivem com um pé em cada gênero. Um dos melhores expoentes é o vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, o colombiano Gabriel García Márques.

Essa relação bem sucedida de jornalistas com o público em larga escala não pode ser simplesmente desprezada. Todos esses livros-reportagem – que freqüentaram e freqüentam as listas dos mais vendidos – são um indício de que essa experiência é proveitosa e não pode ser desperdiçada em função de suas possibilidades de emancipação do jornalismo impresso contemporâneo.

3.2 LIMITES

O jornalismo literário, enquanto alternativa legítima de renovação da imprensa tradicional, pode ajudar o jornal impresso a se reerguer. No entanto, os limites e obstáculos para a inserção do gênero nos periódicos diários precisam ser considerados. Essas limitações envolvem questões relativas à ética preconizada pelo próprio gênero além de questões sociais e instrumentais.

Primeiramente, a expressão “jornalismo literário” em si merece atenção. A junção da literatura com o jornalismo deve ser tratada com cuidado, pois, embora as duas áreas trabalhem a palavra como matéria prima, os discursos da literatura e do jornalismo são fundamentalmente distintos.

A preocupação da literatura é com o que é belo. Esse discurso é de base estética, ficcional. Não há limites definidos. Embora o jornalismo possa lançar mão da literatura para ampliar horizontes, ele não pode perder a dimensão de que a prática jornalística é um instrumento de formação da opinião pública e deve ser ético, verdadeiro e inteligível. A busca pela identificação com o leitor não pode levá-lo a ser sensacionalista ou ter uma proposta de entretenimento.

Uma das principais características que diferencia o jornalismo convencional do literário é a autonomia que este dá ao repórter. Apesar da figura do repórter ser valorizada dentro do gênero e de o trabalho demandar tempo e qualificação, essa autonomia pode prejudicar a veracidade do relato.

No auge do jornalismo literário, os profissionais adeptos do gênero deveriam se nortear por recursos como o registro minucioso de gestos, costumes, estilos e a construção de cenas por meio dos olhos de um personagem particular. Além de o método excessivamente subjetivo dar margem para a transmissão de valores pessoais, o novo jornalismo da década de 1960 chegou ao extremo de permitir a criação de personagens ficcionais por meio da junção de características de personagens distintas.

Nessa mesma época, a revista *Rolling Stones* desenvolveu até mesmo uma variante do novo jornalismo, o *gonzo journalism*, praticado por Hunter S. Thompson. Nesse caso, embora a “realidade” estivesse em pauta, o compromisso com o real não tinha tanto peso. As impressões distorcidas dos fatos eram decorrentes do consumo de drogas, lícitas ou – e principalmente – ilícitas.

Diante disso, é válido perguntar: Isso é jornalismo ou literatura baseada em fatos reais? Até onde é possível distorcer a realidade sem prejuízo do que precisa ser transmitido? Embora não se possa responder a essas questões com o rigor necessário, deve

ficar claro que o compromisso ético do jornalista com a verdade torna perigosa essa ficcionalização.

Outra questão ética relativa ao trabalho do repórter que pode ser questionada concerne as formas de apuração permitidas (e encorajadas) pelo jornalismo literário. No auge das grandes reportagens, era comum o jornalista se passar por outra pessoa para construir um relato. Houve casos de profissionais que viveram semanas como mendigos, estudantes universitários ou garis para aprofundar as possibilidades de entendimento do sujeito e ter acesso a informações.

João do Rio, considerado precursor da grande reportagem no Brasil, escreveu em 1908 uma coletânea de reportagens e crônicas que revelaram uma visão particular das relações sociais do Rio de Janeiro. Em *Visões d'opio* o autor conta detalhes sobre os chineses que traficavam ópio no Rio de Janeiro.

Do Rio, acompanhado de um amigo, passou por fornecedor da droga para conseguir entrar na casa de alguns traficantes. Hoje, poderia se questionar até que ponto é ético fingir ou enganar para ter acesso privilegiado a qualquer informação.

Há também obstáculos sociais que não podem ser ignorados quando se fala na possibilidade de transportar o gênero para os jornais impressos. Todo cidadão deve ter, além do acesso à informação, o direito de compreender essa informação. O Brasil é um país com alto índice de analfabetismo e, mesmo entre os alfabetizados, há os analfabetos funcionais – isto é, aqueles que só sabem escrever o próprio nome. Inserir técnica literária no jornalismo diário pode dificultar, e até mesmo afastar o leitor do conhecimento. O jornalista precisa ter consciência da sua responsabilidade social.

Sobre esse assunto, a jornalista e pesquisadora Cremilda Medina afirma que “nenhum jornalista consciente de seu papel social poderá exercer sua função sem o domínio de uma linguagem tão socializada quanto seus conteúdos”.⁵²

Existe um limite instrumental, relativo ao próprio veículo impresso diário, para a inserção maciça de grandes reportagens. Essas matérias demandam tempo e, além disso, a produção de grandes reportagens é cara e exige a contratação de uma mão-de-obra altamente qualificada.

Quando se fala nos limites e obstáculos para a inserção do jornalismo literário no seio da publicação impressa, percebe-se a dificuldade de transportar tal produção para os periódicos diários. No entanto, acredita-se que essa dificuldade não invalide o jornalismo literário enquanto estilo.

Se for impossível utilizá-lo como força transformadora do jornalismo tradicional, ele pode existir em inúmeros outros meios de informação e desempenhar igualmente o papel de emancipador da produção jornalística. O gênero pode ser utilizado para ampliar as possibilidades de atuação da imprensa não em outros meios impressos, assim como no rádio, na televisão ou na Internet.

É preciso relevar, contudo, a importância em se preservar a ética profissional e a responsabilidade social do jornalista. Por esse motivo, se torna interessante observar os exemplos do passado para extrair algo que se possa adaptar à imprensa de hoje.

Diante do exposto, não se pode transportar os postulados do jornalismo literário para a grande imprensa de forma cega e absoluta. Tanto por limites referentes ao próprio gênero, quanto por imposições instrumentais e sociais do veículo, essa alternativa

⁵² MEDINA, 1982.

lançada deve ser cuidadosamente ponderada. É preciso que haja prudência na utilização desse meio alternativo como superação da crise.

CONCLUSÃO:

Hoje, o veículo impresso não pode mais ter a pretensão de dar notícias em primeira mão. O avanço das tecnologias e a transformação da sociedade exigem que ele se reinvente.

Tendo em vista as novas necessidades do público e as transformações do mundo contemporâneo, mas preservando sempre a essência do jornalismo enquanto atividade de cunho social, é preciso elaborar um novo projeto para o jornalismo impresso. É importante enfatizar, porém, que esse projeto não pode ficar restrito aos cuidados das empresas jornalísticas.

Essa árdua tarefa passa necessariamente pelas escolas de comunicação. Um jornalismo mais amplo e consistente demandaria a reformulação dos currículos das faculdades de jornalismo. Tais mudanças teriam que abarcar uma nova e mais abrangente noção das possibilidades de atuação da imprensa. Ou seja, apurar e escrever um bom texto jornalístico significa que é sempre possível fugir de regras pré-estabelecidas.

O estudante de comunicação social não pode perder a dimensão de que, além de existirem diversos modos de percepção do mundo, não se pode supor que pretensões de objetividade, como o padrão estabelecido pela “pirâmide invertida”, serão sempre capazes de traduzir a realidade com mais clareza e fidelidade.

O perfil que se almeja extrair do jornalista inserido num novo contexto é de ampla versatilidade e profundidade argumentativa. Para tanto, é necessário que o ensino ofereça instrumentos pedagógicos aptos a otimizar e aperfeiçoar a atuação acadêmica e profissional do estudante de jornalismo.

Ao analisar a crise do jornalismo impresso, utilizou-se como marco teórico a crise do paradigma da modernidade, no qual a imprensa contemporânea se insere. O contexto atual é marcado por uma ênfase profunda no mercado e na ciência e, ao permanecer o desprestígio de outros aspectos formadores da sociedade como a comunidade, a estética e a ética, as possibilidades de emancipação do jornalismo impresso podem se tornar, cada vez mais, inviáveis.

A previsão de alguns profissionais da imprensa é que, se os dirigentes dos grandes jornais não acordarem para a necessária implantação de mudanças, o veículo impresso diário vá sumir do mercado. Hoje, todos os grandes veículos impressos possuem sítio na Internet e a tendência é que os donos de jornais aproveitem cada vez mais as vantagens dessas páginas virtuais para interagir com o público.⁵³

Os profissionais que pretenderem manter vivas as publicações impressas diárias precisam ter habilidade para promover mudanças **profundas** na cultura das empresas jornalísticas, atender novas demandas e ampliar a dimensão da prática jornalística. Se as mudanças corretas forem implementadas de modo consistente, a crise é uma oportunidade para aprimorar a qualidade do jornalismo e expandir o alcance das publicações impressas.

Todo esse momento crítico requer, portanto, uma transformação e ampliação da maneira como as escolas de comunicação e empresas de jornal enxergam o mundo – há diversas facetas de interpretá-lo e oferecê-lo ao público.

Matinas Suzuki Jr., coordenador da coleção Jornalismo Literário, da Companhia das Letras, afirma que hoje a tendência do jornal diário é aprofundar o

⁵³ MURDOCH, 2005.

conteúdo. Para Suzuki, daqui para frente, o jornal deve mudar, atendendo à demanda de um público mais exigente.

A partir dessa necessidade de mudança e aprofundamento, este trabalho buscou problematizar o fato de que o jornalismo literário pode ser validamente utilizado como referência para um modelo de imprensa alternativo. No entanto, pode-se concluir, ao final desse processo, que, se de um lado, o estilo sozinho não pode ser indicado como a panacéia para a crise do jornalismo impresso, de outro, essa *nova forma* de se fazer jornalismo ainda tem muito a contribuir para a formação do jornalista de hoje e de amanhã – um desafio que não pode ser desperdiçado pelo ensino da comunicação social em nosso país.

Assim, se estiverem certas as previsões que indicam o desaparecimento dos periódicos tradicionais até 2040, deve se ter em mente que, embora a “porta” do jornal impresso possa se fechar, as “janelas” desse estilo que alia jornalismo e literatura estarão abertas para uma nova paisagem na qual o homem possa encontrar os seus próprios limites na linguagem que constitui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Gustavo de e GALENO, Alex (orgs.). *Jornalismo e literatura – a sedução da palavra*. São Paulo:Escrituras, 2002.

CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico – a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo:Companhia das Letras, 1992.

FARO, José Salvador. *Revista Realidade – 1966-1968. Tempo de reportagem na imprensa brasileira*. Porto Alegre: AGE, 1999.

FREITAS, Helena de Sousa. *Jornalismo e literatura: inimigos ou amantes? Contribuições para o estudo de uma relação controversa*. Rumford (Rhode Island):Peregrinação, 2002.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984

LIMA, Alceu Amoroso - *O Jornalismo como Gênero Literário*, 2 ed., São Paulo: Com-Arte, 1990.

MAILER, Norman. *A luta*. São Paulo:Companhia das Letras, 1998.

MEDINA, Cremilda. *Profissão Jornalista: responsabilidade social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982

MEYER, Philip. *Vanishing newspapers: saving journalism in the information age*. Missouri: University of Missouri Press, 2004.

MORAIS, Fernando. *Corações sujos – A história da Shindo Renmei*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MOREIRA, Roberto Sabato Claudio. *A revista Realidade e o processo cultural brasileiro dos anos 60*. In: MOUILLARD, Maurice e Sérgio Dayrell Porto (org.). *O jornal – Da forma ao sentido*. 2 ed., Brasília: Editora UnB, 2002, pp. 411-30.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Contexto, 2002.

OLINTO, Antonio. *Jornalismo e literatura*. Rio de Janeiro: São José, 1955.

PIZA, Daniel. *Jornalismo Cultural*. São Paulo: Contexto, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista*. São Paulo: Contexto, 2003

Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura do Rio de Janeiro (org.). *New Journalism – a reportagem como criação literária*. In: Cadernos da Comunicação, Série Estudos. Rio de Janeiro: Prefeitura, 2003.

TALESE, Gay. *A mulher do próximo – uma crônica da permissividade americana antes da era da Aids*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, tradução de Pedro Maia Soares.

TALESE, Gay. *O reino e o poder – uma história do New York Times*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VILAS BOAS, Sérgio. *O estilo magazine – o texto em revista*. São Paulo: Summus, 1996.

WOLFE, Tom. *The new journalism*. London: Picador, 1990.

WOLFE, Tom. *Radical chique e o novo jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Artigo: TOM WOLFE, *the birth of the new journalism*. Artigo publicado em the new yorker em fevereiro de 1972.

CASTILHO, Carlos. *Os jovens não querem saber da imprensa*. Disponível na Internet no endereço eletrônico: www.observatoriodaimprensa.com.br. Acesso em 30. 04. 2005 (fundação carnegie)

CIVITA, Roberto. *O papel da imprensa no mundo*. Disponível na Internet no endereço eletrônico: www.observatoriodaimprensa.com.br. Acesso em 21. 05. 2005

DINES, Alberto. *As idéias de Rupert Murdoch, o Brucutu*. Disponível na Internet no endereço eletrônico: www.observatoriodaimprensa.com.br. Acesso em 27.04.2005

MURDOCH, Rupert. *A palavra de Rupert Murdoch*. Disponível na Internet no endereço eletrônico: www.observatoriodaimprensa.com.br. Acesso em 30.04.2005

FRIEDMAN, Jon. Pesquisa para o portal americano *MarketWatch*. Disponível na Internet no endereço eletrônico: www.observatoriodaimprensa.com.br. Acesso em 30.04. 2005

MARCELO, Carlos. Entrevista concedida no dia 20/11/2004

VILAS BOAS, SÉRGIO. . Disponível na Internet no endereço eletrônico http://www.sjsp.org.br/curso_literário2003. Acesso em 08/02/2005

SITES ELETRÔNICOS

<http://www.emcrise.com.br>

<http://www.facasper.com.br>

<http://www.jornalismo-literatura.com>

<http://www.jornalite.com.br>

<http://www.joserezendejr.jor.br>

<http://www.observatoriodaimprensa.br>

<http://www.pontodevista.com.br>

<http://www.rede-nonio.min-edu.pt/es/sebgama/jornal2/cronica.htm>

http://www.sjsp.org.br/curso_literário2003

<http://www.textovivo.com.br/>